

SUZANNE LANDGARD, CONHECIDA COMO “LA GARÇONNE”: A TRÁGICA AVENTURA DE PAUL GRAPPE NA PARIS DOS ANOS LOUCOS¹

MAGRI, Dirceu²

RESUMO: Trata-se de expor a história real de Paul Grappe no contexto dos *Anos Loucos*. Grappe, soldado francês, condenado à morte por deserção, com a ajuda de sua esposa, Louise Landy, traveste-se de mulher para escapar do fuzilamento, tornando-se Suzanne Landgard. Enquanto esta circula pela Paris libertina dos *Anos Loucos*, aquele enfrenta problemas pessoais e conjugais; livre da condenação, Grappe tem dificuldade em reassumir sua verdadeira identidade. Este artigo, além de traçar o percurso da personagem, pretende analisar como esse período da sua vida foi acompanhado pelos diferentes periódicos da época e como viria a ser apresentada em obras como *La Garçonne et l'Assassin. Histoire de Louise et de Paul, déserteur travesti, dans le Paris des années folles*, de Fabrice Virgili e Danièle Voldman (2011), a história em quadrinhos *Mauvais genre*, de Chloé Cruchaudet (2013), e o filme de André Téchiné, *Nos années folles*, de 2017.

PALAVRAS-CHAVE: *Anos Loucos*; Paul Grappe; Suzanne Landgard; Ficção; Cinema e HQ

SUZANNE LANDGARD, DITE « LA GARÇONNE » : L’AVENTURE TRAGIQUE DE PAUL GRAPPE DANS LE PARIS DE ANNÉES FOLLES

RÉSUMÉ: Il s’agit de faire connaître la véritable histoire de Paul Grappe dans le contexte des *Années folles*. Grappe, soldat français condamné à mort pour désertion, avec l’aide de sa femme Louise Landy,

¹ A primeira versão deste trabalho foi apresentada em encontro restrito aos membros do GRUPEBRAE (Grupo de Estudos Brasil-França/IEA-Instituto de Estudos Avançados-USP) como resultado de um Projeto de Pesquisa do Grupo intitulado “A Paris dos Anos Loucos”. Posteriormente, em versão definitiva, no II Congresso Nacional do Grupo de Pesquisa Literatura e Mídia.

² Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), e Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne; pesquisador do GRUPEBRAE - Grupo de Estudos Brasil-França (IEA-SP); Pós-doutor pela Universidade Federal de Viçosa-UFV. E-mail: magridirceu@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0364-5552>



se disfarça em mulher para escapar à fuzilagem e torna-se Suzanne Landgard. Quando esta última evolui no Paris libertino dos anos loucos, o primeiro é confrontado com problemas pessoais e conjugais; libertado da sua condenação, ele tem dificuldade em recuperar a sua verdadeira identidade. Além de retratar o percurso do personagem, este artigo visa analisar como este período da sua vida foi seguido pelos diferentes periódicos da época e como será apresentado em obras como *La Garçonne et l'Assassin. Histoire de Louise et de Paul, déserteur travesti, dans le Paris des années folles*, de Fabrice Virgili e Danièle Voldman (2011), a banda desenhada *Mauvais genre*, de Chloé Cruchaudet (2013), e o filme *Nos années folles*, de André Téchiné (2017).

MOTS-CLÉS : *Les Années folles* ; Paul Grappe, Suzanne Landgard ; Fiction ; Cinéma et BD

Marcados por forte identidade visual e sonora, os *Anos Loucos* exibiram nova silhueta, a da mulher de perfil longilíneo, cabelos curtos, vestido tubular e chapéu *cloche*, uma das imagens associadas à época; por outro lado, foi também a era do Jazz, do triunfo da *Art déco*, da audácia das *avant-gardes*, das novas boêmias e da vida nas telas, com o advento do cinema.

Embora flutuante, parece haver consenso entre historiadores e artistas ao situar e comentar o período: se Pierre Brisson em *Le Théâtre des Années Folles* (1943) afirma ser a sua obra “uma avaliação do teatro entre as duas guerras”³ (JUAN, 2021, p. 7), para Gilbert Guilleminault, tudo começa em 11 de novembro de 1918, quando se abre para os franceses uma era de loucura. “Ao esquecer o luto, suas ruínas, suas finanças abaladas, seus quatro milhões de mortos e feridos, a França se entregava à embriaguez de uma vitória que lhe custara muito caro”⁴, pontua Guilleminault (p. 9); Maurice Sachs, por sua vez, considera 1921 “o primeiro ano do grande período de loucura, luxo, gastos, desordem e internacionalismo”⁵ (2018, p. 122); já Wouilloz-Boutrois, em *Le Boeuf sur le toit* (2021), refere-se aos *Anos Loucos* como uma “época extraordinária de leveza, despreocupação, criatividade, inovações em todos os gêneros e de entusiasmo cultural”⁶ (p. 13), um tempo, afirma, de efervescência criativa em que ideias e projetos surgiam *à la minute*.

O cronônimo, a exemplo da *Belle Époque* ou dos *Trente Glorieuses*, retomado nos mais diversos registros artísticos, de nomes de exposições a romances, documentários e filmes,

³ « une sorte de bilan du théâtre entre les deux guerres ». [Esta, e todas as demais passagens foram traduzidas por mim.]

⁴ « oubliant ses deuils, ses ruines, ses finances à jamais ébranlées, ses quatre millions de morts et blessés, la France s'abandonnait à l'ivresse d'une victoire chèrement payée ».

⁵ « la première année de la grande période de folie, de luxe, de dépenses, de désordre et d'internationalisme ».

⁶ « une époque extraordinaire de légèreté, d'insouciance, de créativité, d'innovations en tous genres et d'émerveillement culturel ».



mobiliza produções culturais e elementos quotidianos bastante reais que alimentam o imaginário em uma perspectiva que tende a ser vista “como uma história social das representações”⁷ (ORY, 2004, p. 13).

A historiadora Myriam Juan (2021, p. 4) destaca que a expressão pode bem evocar as ousadias e emoções de uma França que descobria Joséphine Baker, mas não é de todo, digamos, francesa, haja vista os Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha, Itália e Espanha proclamarem os seus *Roaring Twenties*, *Ruggenti anni*, *Goldenen Zwanziger Jahre* e os *Veinte dorados*, enfim, versões ligadas a uma era cujas imagens misturavam o apetite de viver, a liberdade dos modos, o modernismo e a contestação das normas.

Deve-se observar, contudo, que, malgrado as especificidades de cada país, a época converge para o fato de que os *Anos Loucos* não foram loucos para todos, uma vez que sua história é essencialmente urbana, cujo palco foram as grandes metrópoles, lugares de vida em ebulição, encontros, inspiração e confrontação de ideias, enfim, vitrines das mudanças em curso. De modo geral, nos grandes centros todos participavam das transformações, haja vista o *boom* da cultura de massa e a difusão das informações e inovações que penetravam o seio da sociedade, porém, sob alguns aspectos, os *Anos Loucos* conformavam-se mais às elites sociais e aos meios artísticos em razão dos atores convocados.

A identidade dos *Anos Loucos*, como dito antes, marcada pela sonoridade (o Jazz, sobretudo) e visual (a *Art déco*), destaca-se ainda por introduzir uma nova silhueta para homens e mulheres; estas, abandonam o *corset*, instrumento de mutilação, e desnudam o corpo, não somente as pernas, mas sobretudo os braços e as costas. “Da curva à linha, a silhueta feminina acompanha a evolução dos conceitos artísticos”⁸ (JUAN, 2021, p. 13), o cuidado em apagar as formas femininas leva a outro lugar comum, a aparência andrógina da mulher, alimentada largamente pela *allure* da *garçonne*, um misto de jovem independente, cuja vestimenta e cabelos curtos fazem da androgenia crescente e da homossexualidade *l’air du temps* dos criadores, a exemplo de Jean Paout, que anuncia seu perfume com o bordão: “Para uma mulher esportiva, um perfume masculino.”⁹

É nesse contexto que Paul Grappe protagoniza um *fait divers* que ganha os veículos midiáticos e toma ares de espetáculo, afinal, o leitor dos periódicos acompanhou dia após dia uma crônica rocambolesca envolvendo um homem e uma mulher; ela, mãe e trabalhadora; ele,

⁷ « comme une histoire sociale des représentations ».

⁸ « De la courbe à la ligne, la silhouette féminine suit l’évolution des conceptions artistiques. »

⁹ « À femme sportive, parfum masculin. »

um desertor travesti. Na imprensa, o contar e recontar permitiu que o leitor se identificasse com Grappe, haja vista seu percurso transgredir de forma imaginária três grandes proibições sociais: a recusa da lei, as questões de sexo e as de sangue.

Paul Grappe: a personagem

Nascido em 1891, em Rançonnières, Paul se casa com Louise Landy na mairie¹⁰ do 13^e, em 9 de dezembro de 1911, porém, a vida em comum do casal é curta, pois ainda neste ano Paul é considerado “bom para o serviço” e, alguns meses depois, em outubro de 1912, é incorporado como recruta no bastião 82 de Thiers. Embora não se adaptasse à disciplina da caserna, Paul, hábil no manejo de armas, foi promovido a cabo, em novembro de 1913, época em que arruma sua primeira amante, Mlle Rose. Segundo relatos da própria Louise, ao episódio, seguiram-se discussões e ameaças do marido, que já possuía um revólver. Paul tenta equacionar a situação com explicações, digamos, *avant la lettre* ao afirmar-se adepto da união livre e dos amores múltiplos, razão que o impedia de amá-la profundamente. Em 1914, não bastasse a vida turbulenta do casal, os acontecimentos que abalaram a Europa também não os poupariam, sobretudo quando, em 3 de agosto daquele ano, a França mobiliza seu exército. Nos primeiros dias de guerra, Paul não vê o inimigo e não ouve sequer um tiro; os dias se resumem a caminhadas exaustivas de uma posição a outra. As metralhadoras só disparariam seus primeiros tiros em 10 de agosto, próximo ao vilarejo de Pillon, quando o regimento lamentaria o seu primeiro morto, um jovem de 23 anos.

Ferido na coxa no início de agosto, Paul Grappe será hospitalizado e liberado em outubro para ser reintegrado ao regimento de combate. Pouco depois, Grappe tem o dedo indicador direito ferido. Para seus superiores, o episódio parece suspeito, levando-os a crer que ele estivesse se automutilando, algo considerado crime pelo conselho de guerra e passível de pena de morte. Paul jurou inocência e buscou o depoimento de vários soldados a seu favor. Detido, consegue ser absolvido por uma comissão e escapa de uma possível execução. Pouco depois, seu ferimento se agrava e os médicos julgam necessário amputar as duas primeiras falanges. Ainda assim, os militares o consideram apto a puxar o gatilho, o que faria com o dedo médio. Diante da decisão de seus superiores, Paul decide impedir a sua cicatrização provocando novas infecções. Prevenido de que partiria para o *front*, diz a seu superior que em quarenta e

¹⁰ prefeitura

oito horas se tornaria um desertor. Em 15 de maio de 1915, Paul não responde ao chamado e três dias mais tarde é declarado desertor. No dia 27 do mesmo mês Paul já está em Paris com Louise, mas, para onde ir? O casal parte para a casa da mãe do fugitivo, em Saint Denis, onde Paul passa um mês escondido. Apesar de prudentes, estavam desesperados à procura de uma solução, pois sabiam que a presença de um homem de 25 anos no local poderia provocar suspeitas. Mudaram-se para um quarto de empregada, mas o problema persistia. Não se sabe qual dos dois teve a ideia primeiro, o fato é que Paul colocou um *tailleur* de veludo, a mais bela peça do guarda-roupa de Louise e *voilà*, o resultado ultrapassou tudo o que haviam imaginado. A fim de porem à prova o subterfúgio, saíram para uma volta no quarteirão; cinco minutos depois, um homem havia olhado para ele e Paul acabara de fazer a sua primeira conquista. A partir desse momento Grappe assume uma nova identidade e torna-se Suzanne Landgard. Suzanne saía pouco, bordava e tocava bandolim para se distrair; Louise, encarregava-se do ir e vir ao exterior e do trabalho.

Ainda que um ou outro soubesse do seu segredo, o casal viveu honestamente os anos de guerra, período em que a metamorfose física de Paul se tornava cada vez mais precisa, exibindo brincos e maquiagem. O perigo de serem descobertos permanecia e as duas amigas mudavam-se regularmente. Logo, Suzanne, emprega-se como artesã de suspensórios a domicílio e Louise se incumbe das entregas ao empregador. Morando no 16^e, Suzanne, para se distrair, habituou-se a passear próximo de seu domicílio, no Bois de Boulogne. Lá, ela notou que sua aparência feminina agradava igualmente a ambos os sexos. Aproveitando dessa ambiguidade, conheceu mulheres e homens em busca de aventuras românticas e sexuais e gostou das atividades noturnas do bairro. Para Paul, seu novo estilo de vida e seu casamento com Louise não pareciam contraditórios, distinguindo assim, como os primeiros sexólogos, a sexualidade e o apego sentimental.



Paul Grappe como Suzanne Landgard



Terminada a guerra, Paul que poderia se beneficiar do perdão concedido aos desertores, havia afrontado seu superior e se recusara partir para o *front*, portanto, não poderia ser anistiado. O casal parte para a Espanha e retorna para Paris em 1922, período de liberação sexual na capital francesa e de maior visibilidade da homossexualidade. Falava-se muito em *inversion* e entre as classes mais populares, o romance *La Garçonne*, de Victor Margueritte, vendeu em alguns dias milhares de exemplares. A partir desse momento Paul completa sua transformação física, ajudado pela evolução da moda feminina, mas restava a delicada questão dos pelos faciais. Embora as propagandas exaltassem os méritos dos cremes depilatórios, especialmente para as axilas, eles não tinham eficácia quando aplicados na barba de um homem. Paul opta então pela depilação por eletrólise. Vestida e cuidadosamente maquiada, Suzanne, que era considerada uma mulher chique, descobre as alegrias do paraquedismo feminino e começa a trabalhar em uma *maison de couture*, onde é chamada pelas colegas de *la jolie Suzy*, até ser demitida por ter se envolvido com uma jovem de 16 anos. Em 1925 foi promulgada nova lei de anistia quando, enfim, depois de dez anos de fuga chega a liberdade. Os próximos passos de Suzanne serão reproduzidos agora nas páginas dos jornais.

Nos jornais

Uma semana após ter contado sua história no escritório do exército da Place de Paris, a odisseia do desertor travesti fez um *tour* pelas redações dos jornais parisienses. “Senhorita Suzanne, conhecida como a Garçonne, vive novamente no desertor anistiado Paul Grappe”¹¹, foi a manchete estampada no *Le Petit Parisien* de 5 de fevereiro de 1925.

Os anos vinte foram, como já dito, uma época repleta de curiosidades e efervescentes questões sobre as fronteiras entre os sexos. A moda das *garçonnes*, a mudança de lugar das mulheres na sociedade, a abertura do mercado para o trabalho feminino, aliadas à exigência sufragista, romperam os padrões anteriores à guerra. Alguns viam as transformações com bons olhos, outros, entretanto, temiam os questionamentos à ordem masculina. Preocupado, André Billy, jornalista do *Petit Journal*, um dos periódicos de maior tiragem à época, viu em Paul Grappe uma boa oportunidade para compreender melhor os mistérios do feminino. “Você que é homem e mesmo assim soube descobrir todos os segredos do adversário, você que foi espião no exército das mulheres, revele-nos o que você sabe, para nós, seus irmãos do outro sexo, para

¹¹ « Mlle Suzanne, dite la Garçonne revit em Paul Grappe déserteur amnistié ».

nós, soldados deste exército masculino que você também abandonou... Sr. Paul Grappe, você que já foi mulher, diga-nos o que é isto!”¹²

Na imprensa, as opiniões são divergentes: Henri-Paul Dupont-Huin, no *L'Indépendant* de 14 de fevereiro, no artigo “Pour les poilus”, mostrou-se indignado e viu na anistia de Grappe um bônus à deserção e a perigosa possibilidade, contida na medida patrocinada pela esquerda então no poder, de dar origem a inúmeras Suzannes, no caso de uma nova investida alemã.

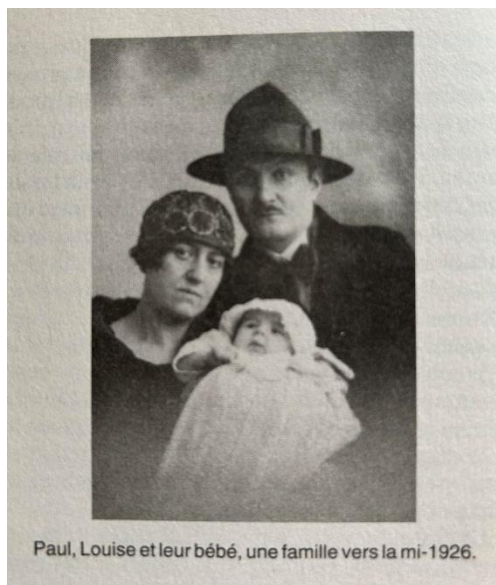
Em poucos dias, Paul passa da clandestinidade à notoriedade. Se por um lado seus anos de feminilidade chocavam os conservadores, por outro lado, divertiam e intrigavam os interessados na sua transformação, sobretudo o desaparecimento da barba. Paul começa a receber centenas de cartas, inclusive da Bélgica, de interessados em conhecer mais sobre a eletrólise.

Na vida cotidiana, o casal começa a ter problemas com a locação do imóvel, haja vista o contrato ter sido assinado por Suzanne Landgard, de modo que as cobranças não poderiam ser endereçadas a Paul Grappe. O periódico comunista *L'Humanité*, que tratava dos preços exorbitantes dos aluguéis, entra na questão e na edição de 11 de março de 1925, traz a seguinte manchete: “Vão expulsar a Garçonne?”¹³ Três meses após o episódio, Paul retoma sua aparência masculina, mas passa a ser objeto de piada dos moradores locais e nos bares que frequentava. Acusado de gesto obsceno durante um desentendimento em que sua sexualidade fora questionada, Paul acaba na prisão e recebe o apoio do *L'Humanité*. Por considerar que o fato fora retratado de modo negativo pelo *Paris Soir*, Paul entra com uma ação de reparação justamente no período em que sua vida privada se torna um desastre. A euforia da notoriedade do mês de fevereiro é acompanhada por um alcoolismo crescente. Paul não trabalha mais, entrega-se à bebida e se recusa a vestir-se como homem; às vezes, veste-se de mulher, coloca um banjo sob o braço e vai cantar às margens do Marne, levando consigo um álbum com as melhores fotos de Suzanne. Ocorre que o retomar de sua masculinidade coincidiu com a gravidez de Louise, que dá à luz a Paul, criança que Grappe desconfiava ser de Paco, amante de Louise desde 1924. Os próximos quatro anos são de idas e vindas, crises conjugais, discussões, violência doméstica, miséria e o crescente alcoolismo de Paul, situação que tem o seu ápice na noite de um sábado, 21 de julho de 1928, quando Paul chega da rua alcoolizado;

¹² « Vous qui êtes un homme et qui pourtant avez pu surprendre tous les secrets de l'adversaire, vous qui avez été un espion dans l'armée des femmes, livrez-nous ce que vous savez, à nous, vos frères de l'autre sexe, à nous soldats de cette armée masculine que vous avez désertée elle aussi... Monsieur Paul Grappe, vous qui avez été une femme, dites-nous ce que c'est ! »

¹³ « Va-t-on expulser la Garçonne? »

depois de uma briga acalorada, Louise, para proteger o filho, apanha o revólver 6,35mm, da marca Walman, e dispara contra o marido. Cai o pano para Paul Grappe. Contudo, sua história, os anos como Suzanne e a fama de homem violento serão recontados pela imprensa, agora sob a perspectiva de Louise, até janeiro de 1929, data da conclusão do seu julgamento. Inúmeras foram as reportagens em periódicos como o *Le Petit Journal*, *L'Humanité*, *Paris Soir*, *Le Petit Parisien*, *L'Écho de Paris*, *Le Matin*, *Le Petit Dauphinois*, *Le Temps* etc.



Paul, Louise et leur bébé, une famille vers la mi-1926.

No Brasil

Se até por volta dos anos de 1875 grande parte do que se lia nos periódicos brasileiros advinha de traduções ou paráfrases de matérias publicadas na imprensa francesa, nos anos vinte, com o desenvolvimento e o aumento dos veículos de informação, já havíamos adquirido certa independência e nos desvinculado parcialmente dos conteúdos, digamos, locais, que diziam mais respeito aos franceses que aos brasileiros. O caso Paul Grappe aparece em poucos jornais brasileiros, mais por seu matiz exótico aos olhos conservadores, que por sua representação social, como diria Ory.

A primeira menção à história surge na *Gazeta de Notícias*, em 13/03/1925 (p. 3), quando, sob o título de “Após dez anos de vida feminina, o desertor Paul Grappe, ex-mademoiselle Suzane, com a amnistia, recuperou seu sexo”, traz uma síntese da aventura do francês. Nela, fala-se sobre a deserção, o atelier de costura em que trabalhava, a ajuda de Louise para a sua transformação e o uso da eletrólise; a divergência fica por conta de Grappe ter perdido dois dedos na explosão de um projétil e não apenas duas falanges de um só dedo como consta em documentos. O texto, uma tradução, traz ainda seu local de origem, Paris, além da

identificação autoral e da suposta agência noticiosa: “Comunicado epistolar da U. P., por John O’Brien).

Em 17/03/1925 (p. 4), a *Gazeta de Notícias*, em uma coluna intitulada “Humanidades”, com o subtítulo “Binoculo”, na sua parte final, reproduz na íntegra o texto já publicado na semana anterior, contudo, o autor justapõe à história de Grappe um comentário misto de crítica e opinião pessoal: “Leram? Pois ahi está explicado porque ha certa gente que tanto actualmente ‘torce’ pela amnistia... Nada mais justo. São os ‘almofadinhas’ que esperam a decretação de tal medida para revelar seu verdadeiro sexo...”. No mais, o suposto cronista identifica seu público quando a ele se refere por “talentosas leitoras”, indiciando que as considerações sobre beleza e estética ali expostas poderiam ser assuntos mais do interesse do gênero feminino. De pronto, comenta o lançamento de *Os Elogios*, obra de Francis de Mimandre, prometendo trechos do livro ao citar o título de um dos capítulos “O elogio da fealdade”. Na sequência, temos considerações sobre a beleza, vista como um presente irônico e exemplificada na reputação de Helena de Troia, com referências a *Dama das Camélias*, Isabel da Inglaterra e Catarina, a Grande, após o que, o autor conclui com o aforismo “Il n’y a que les laides qui¹⁴ l’on laisse un peu tranquilles.”¹⁵, quando, então, adentra a história de Grappe.

Em junho do mesmo ano, a revista carioca *Pelo Mundo* – Magazine Mensal Ilustrado, retoma na sua integralidade o texto anterior já publicado na *Gazeta*, sem qualquer comentário adicional.

Quase um ano depois, em 02/06/1926, o periódico *O Jornal* (RJ), traz ao leitor a mais completa reportagem sobre Grappe já publicada em jornais brasileiros. O texto ocupa metade da página 3 e logo de início lemos: “Não queremos privar o leitor de apreciar a narrativa feita pelo próprio protagonista, que apresenta certa originalidade, assim publicaremos o que escreveu Paul Grappe, a falsa mulher.” Sem qualquer identificação sobre a origem do texto transcrito, o leitor tem agora o ponto de vista do próprio Grappe, que deixa claro que seu grande medo sempre fora a prisão ou a execução. Ao expressar sua satisfação com o induto, Grappe afirma ter sido essa também a oportunidade de “emancipar-[se] das saias tiranas”, indo de encontro ao seu comportamento anterior, quando, já livre, teimava em vestir-se de mulher e cantar às margens do Marne.

No relato, Grappe expõe de forma nítida como, aos poucos, moldou a sua transformação ao observar e dominar o andar feminino, o cuidado com os cabelos, os gestos, o uso de

¹⁴ No jornal está gafado “qui” em vez de “que”.

¹⁵ “São só as feias que deixamos um pouco em paz.” - O aforismo é transcrito no jornal em francês.

cosméticos: “De tal maneira cheguei a dominar a minha natureza, que vivi, [dominei] como mulher e insensivelmente, cheguei a pensar também como mulher.” Contudo, confessa Paul, a única coisa capaz de traí-lo era a sua voz, que também dominou modificando o seu diapasão vocal até que, depois de muito trabalho, descobriu um falsete que considerou “passável” a ponto de acordar após um pesadelo e seu grito soar “inteiramente feminino, nervoso, hysterico”.

No mais, sobre a sua vida social, Grappe comenta: “Durante os ultimos annos na qualidade de cançonetista e coupletista, adquiri maiores amizades nos cabarets e nos café-concertos de Montmartre e Montparnasse, nos quaes trabalhei e namorei, ou antes flirtei com cavalheiros da mais fina educação e da mais alta sociedade. Inspirei verdadeiras paixões, paixões violentas, ciumes porque sempre tive a grande habilidade de ser uma duvida, uma incerteza, uma esperança que não se realizava nunca. Elles ficavam doudos com a minha discreta attitude de tudo offerecer e negar ao mesmo tempo. Um cavalheiro audacioso chegou a ameaçar-me se lhe não desse as preferencias de meu ‘amor’. Acabou chorando, pois eu já me tinha tornado bastante mulher para não temer essas ameaças tolas dos namorados de cabaret. Aprendi, assim, a manobrar com os homens, fazia-os verdadeiros títeres.”

Se por um lado Grappe desvela suas estratégias e artimanhas para, como mulher, escapar à misoginia reinante, por outro lado, ao ver-se liberto pelo induto, declara: “Nenhum homem pôde avaliar o prazer de ser homem, senão depois de ter sido forçado pelas cingunstancia[s] a ser mulher durante dez anos.”

Por fim, três anos e alguns meses depois, sua história volta à cena, agora no *Jornal do Commercio*, do Amazonas, quando, em 02/06/1929 (p. 5), na coluna “Diversas”, que trata de assuntos aleatórios provindos de diversas partes do mundo, o autor, não identificado, comenta sobre o grande número de assassinatos cometidos por mulheres, o que teria criado uma atmosfera favorável para a execução do belo sexo. Dentre casos como os de Josepha Kurées, Anne Marie David, Blanche Vabre e outras, surge o de madame Grappe que, segundo o jornal, “sem uma lagrima, sem uma contracção facial e fitando ousadamente os juizes, sustenta que se commetteu uma falta, [não havia] nenhuma autoridade reconhecida no marido para censural-a, visto elle ter tido, no mínimo tres mil amantes, enquanto o seu advogado, o dr. Maurice Garçon, se compromettia a exhibir seiscentas cartas de differentes mulheres...”.

Dos jornais, a história, a tragédia ou mesmo a odisseia de Grappe, como quiseram alguns jornalistas, passaria para as páginas dos livros, os quadrinhos e as telas do cinema.

La Garçonne et l'assassin: Histoire de Louise et de Paul, déserteur travesti, dans le Paris des années folles.

Resultado de uma extensa pesquisa investigativa, a obra, publicada em 2011 pela Petite Bibliothèque Payot, sob o selo “Histoire”, reconta a história de Paul Grappe e Louise Landy em oito capítulos. Fabrice Virgili e Danièle Voldman, os autores, a fim de reconstituir com precisão a história de Grappe, apoiaram-se em farta bibliografia: de livros que contextualizam o período que antecede à Primeira Guerra e os chamados *Anos Loucos*, àqueles que tratam de problemáticas envolvendo os atores em curso, tais quais os divórcios e as separações de corpos na França, a experiência na caserna, as nevroses e os tratamentos psíquicos de guerra etc. Dos arquivos públicos, militares e civis, os autores colheram informações sobre o percurso de Grappe no exército, assim como detalhes do périplo de Louise pelos tribunais parisienses à época do seu julgamento foram levantados a partir da farta documentação jurídico-processual da justiça. Todo esse material sustenta o arrazoado exposto nos capítulos I a III.

Não bastasse isso, os jornais, veículos que espetacularizaram a vida do casal, serviram de base para boa parte do capítulo IV (La crise de 1925), que relata a saída da clandestinidade e a notoriedade alcançada por Grappe; os capítulos subsequentes (V a VIII) apresentam um conteúdo parcialmente sustentando em dados extraídos dos arquivos da polícia de Paris entremeados de informações de cunho jornalístico. Os autores comentam ainda a repercussão do processo de Louise Landy nos jornais, com relatos da investigação, a reprodução das audiências e comentários de cronistas jurídicos, que discutiam largamente como a defesa, representada pelo advogado Maurice Garçon, era aos poucos construída à medida que se desenrolavam as episódicas audiências recheadas por relatórios policiais, declarações legais e testemunhos de parentes, amigos e vizinhos.

Talvez por serem historiadores, o arrazoado jurídico é tratado por Virgili e Voldman como *historia rerum gestarum*, isto é, o drama de Paul e Louise adentra as páginas como narração e ganha matiz ficcional. Porém, ao ficcionalizar o experienciado pelo casal, os autores narram o que aconteceu tal como aconteceu, à moda de um diário, e, ao exporem o conjunto de fatos em sua evolução no tempo, fazem desse diacronismo um dos pilares conceituais do relato, em que os pequenos acontecimentos eclodem, multiplicam-se e se expandem dando colorido e intensidade às vidas de Paul e Louise e, de quebra, cativando a atenção do leitor.

Ao descrever Paul, evitam paramentar a personagem, sobretudo no que se refere às questões de gênero, de modo que a transformação de Grappe/Suzanne Landgard surge como algo imprescindível, pois afirmam que “não [havia] nada na sua vida anterior que suger[isse]

que o travestismo o atraísse. Na verdade, possuía os atributos de caráter normalmente associados ao sexo masculino: força de vontade, indomável, encantador, galante e aguerrido. A única qualidade viril que recusava era a de guerreiro”¹⁶ (p. 48).

No livro, as preferências sexuais de Paul não são relevantes, uma vez que ele se torna uma mulher cujo objetivo não é o de subverter os papéis atribuídos e se rebelar contra as normas de seu tempo – embora o faça –, mas salvar a própria pele, o que não significa que suas aventuras galantes e sexuais no Bois de Boulogne não sejam objeto de apreciação. A transição de Paul é contada com maestria e emoldurada pelo contexto dos anos de 1920, período de liberação sexual e de grande visibilidade da homossexualidade. Ironicamente, é a transição inversa, da mulher para o homem, que parece ser a mais perturbadora para Paul.

Por fim, Virgili e Voldman não só narram uma história “verídica”, mas, em interlocuções diretas com o leitor, discorrem sobre o próprio exercício da escritura:

Com este assassinato, suspendamos por um momento a história das aventuras de Paul e Louise. Vejamos o “fabríco” da história deles. Como sabemos sobre todo esse caso? Qual a utilidade de saber por que caminhos o reconstituímos? Por que decidimos transformá-lo em uma narrativa que se assemelha a um roteiro romanesco? Inventamos alguns elos perdidos que não conseguimos encontrar? Será tudo “verdade” na jornada extraordinária dessas personagens condenadas por sua posição social ao anonimato e a uma vida minúscula? (p. 117-118)¹⁷

Ao fazê-lo, rejeitam clichês. Tratando-se de Louise, por exemplo, recusam-se a concebê-la como a simples vítima de seu marido bêbado, pelo contrário, chamam a atenção para o fato de ela ser dona de seu próprio destino, forçando o marido a se casar, ajudando-o a sobreviver quando era um desertor e, ao fim, ao decidir que estava farta de tudo aquilo, matando-o. A análise nunca é redutiva. Embora os autores imputam alguns dos problemas do casal à ambivalência dos papéis atribuídos a homens e mulheres na França dos anos 20, não

¹⁶ « Rien dans sa vie antérieure ne laisse supposer que le travestissement eût pour lui quelque attrait. Il possédait même plutôt des attributs de caractère donnés habituellement au sexe masculin : volontaire, indocile, charmeur, galant et batailleur. La seule qualité virile qu’il refusait désormais était celle de guerrier. »

¹⁷ « Avec cet assassinat, suspendons un moment le récit des aventures de Paul et de Louise. Penchons-nous sur la ‘fabrique’ de leur histoire. Comment connaissons-nous toute cette affaire? À quoi sert de savoir par quels cheminements nous l’avons reconstituée? Pourquoi avoir pris le parti d’en faire un récit narratif proche d’un scénario romanesque? Avons-nous inventé quelques chaînons manquants qu’il ne nous a pas été possible de retrouver? Tout est-il ‘vrai’ dans le parcours extraordinaire de ces personnages voués par leur position sociale à l’anonymat et à une vie minuscule? »

deixam de destacar a infância traumática de Paul e suas tendências obsessivas. O que emerge é uma narrativa histórico-romanesca irresistível.

***Mauvais Genre*, uma HQ de Chloé Cruchaudet**

A história de Paul e Louise foi objeto de vários escritos; além do que se publicou nos jornais, talvez a primeira versão produzida tenha sido escrita pela própria Louise a pedido do seu advogado. Esta, digamos, autobiografia, foi descoberta pelos historiadores Virgili e Voldman nos dossiers da brigada criminal dos arquivos da polícia de Paris. Segundo Pauline Mortas¹⁸, no mesmo ano da publicação da obra de Virgili e Voldman, Anaïs Kien dirigiu um documentário radiofônico para o programa “A nova fábrica da história”¹⁹, da France Culture, intitulado “Não iremos mais ao bosque”²⁰, que retrata a história do casal. Chloé Cruchaudet teria ouvido o programa e visto no drama do casal o roteiro ideal, de modo que em 2013 publica a HQ *Genre Mauvais*, que retrata a vida de Paul/Suzanne e Louise. Neste ano, a obra de Cruchaudet vence o Grande Prêmio da Associação de Críticos e Jornalistas de Quadrinhos (ACBD)²¹, publicada pelas Edições Delcourt. No Brasil, a obra seria publicada em 2020, pela Editora Nemo, sob o título de *Degenerado*, com tradução de Renata Silveira.

Idealizada em preto e branco, a obra apresenta tons que oscilam entre o cinza e o sépia, os desenhos são escuros, mas contrastantes, o destaque fica por conta do vermelho, que se impõe como marca de cor feminina, sobretudo em detalhes ligados à maquiagem e ao vestuário, mas de forma intrigante também é associado ao sangue nas cenas de guerra, especialmente as da mutilação de Paul e na vinheta que preenche toda uma página, retratando Louise respingada pelo sangue de Paul, logo após tê-lo assassinado. Como contraponto, em algumas poucas cenas o vermelho preenche as taças de vinho e dá cor às flores que Paul oferece a Louise. O azul está presente nas vezes em que aparece a bandeira francesa, e na bandeira americana, reproduzida em uma só vinheta que marca o final da guerra e o retorno dos *poilus*²². Tratando-se das cores, o violeta e o verde surgem rapidamente em duas vinhetas que retratam o interesse de Paul pelas flores, o que, segundo o balão de diálogo, seria uma de suas obrigações como garota.

¹⁸ MORTAS, Pauline. Images, lettres et sons. In : *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, 2018/2 (Nº 138), p. 181-193.

¹⁹ « La nouvelle fabrique de l'histoire »

²⁰ « Nous n'irons plus aux bois »

²¹ No original: Association des critiques et journalistes en bande dessinée (ACBD).

²² Na linguagem civil, nome dado aos combatentes na guerra de 1914-1918.



Malgrado a inspiração da BD ter sido a obra de Virgili e Voldman, de cunho documental, isto não impediu Cruchaudet de ficcionalizá-la à sua maneira, modificando traços de Paul e Louise e brincando com a confusão entre Paul e Suzanne. A desenhista declarou em entrevistas que desenhou deliberadamente o rosto de Paul com uma linha imprecisa, de modo a feminizá-lo sem precisar fazer grandes modificações, o que não a impediu de priorizar as personagens aos cenários.

Ainda que a obra aborde as questões de sexualidade restritas ao contexto dos *Anos Loucos*, ela também traz à tona controvérsias atuais. Se em nossos dias os movimentos LGBTQIA+ reivindicam os seus direitos, Cruchaudet aborda um dos primeiros casos envolvendo travestismo quando a questão de gênero era em si abstrata e as discussões giravam em torno do masculino e feminino, com espaço reduzido para as chamadas *inversions*, de maneira que o recontar da história no contexto das reivindicações atuais trouxe grande visibilidade para a HQ *Mauvais genre*.

***Nos Années Folles*, um filme de André Téchiné**

Lançado em 13 de setembro de 2017, *Nos Années Folles*, dirigido por André Téchiné, com roteiro baseado na obra de Virgili e Voldman pelo próprio Téchiné em parceria com Cédric Anger, traz no elenco Pierre Deladonchamps, Céline Sallette, Grégoire Leprince-Ringuet e outros. O filme de Téchiné reflete sobre o transtorno de identidade e como essa nova identidade substituta surge, no caso de Paul Grappe, como recurso para o apagamento de suas memórias recentes e o esquecimento de si próprio, transformando-se em outro *eu* já mergulhado em uma realidade fantasmagórica quanto tangível.

De forma reducente a sinopse apresenta o filme como a verdadeira história de Paul Grappe que, depois de dois anos no *front*, após ter-se mutilado e desertado, traveste-se de mulher instigado por sua esposa e, na Paris dos *Anos Loucos*, torna-se Suzanne. O cineasta, porém, não só apresenta o casal como vítima da Grande Guerra, como explora o universo das personagens Grappe e seu *alter ego* Suzanne, assim como Louise, a esposa que amava o marido, independentemente do que ele fizesse. Em um jogo de claro-escuro, flashes do *front* e de um cabaret parisiense entremeiam-se na tela. Na transposição para a linguagem cinematográfica, a dificuldade de Paul abandonar Suzanne, com a qual se identificava, é apresentada em *mise en abyme*, de modo que ele, agora prostituto habitual no Bois de Boulogne, é festejado em um cabaret onde sua história é encenada.

A ambiguidade da personagem e a consternação da sua mulher, Louise, embora um tanto previsíveis, evoluem no contexto de uma moral livre dos *Anos Loucos* e estão inseridas em meio a numerosas referências contextuais da época. Contudo, os melhores momentos do filme surgem quando este se afasta deliberadamente do seu dever de rigor histórico, a exemplo da sequência em que Paul/Suzanne reencena as suas deambulações noturnas no teatro, entregando-se a uma coreografia sensual, com a câmara a acompanhar fluidamente cada movimento.

Téchiné não se interessa pelo interior de Paul e sequer busca explicar porque é que ele sente a necessidade de continuar a travestir-se, mesmo que isso implique saltos no tempo, algo como a elipse de um homem desconfortável com a ideia de se vestir de mulher transformar-se em um aficionado da prostituição sem qualquer transição.

O filme também se debruça sobre como a guerra transforma as sociedades, subverte as histórias individuais e até mesmo as relações de gêneros. Se a guerra impõe ao soldado padrões de virilidade e bravura, não é o que vemos com Paul Grappe, caso em que a inversão de gênero ocorre mesmo antes da sua deserção e, depois, quando Louise promete protegê-lo e o faz durante a sua vida reclusa, invertendo os papéis: Paul tricota, Louise encarrega-se dos afazeres públicos. Para concluir, vale destacar que a crítica não foi unânime quanto à recepção do filme: se alguns críticos deixaram-se envolver pela instigante história de Paul, outros o analisaram a partir da produção anterior de André Téchiné, considerada por eles superior.

Conclusão

À guisa de conclusão vale a pena retomar os *Anos Loucos*, teatro das aventuras de Paul Grappe. “Naquela época, Jeanne era frívola / Naquela época dos *Anos Loucos*”²³, os versos cantados por France Gall em 1969, apresentam uma antiga dama elegante, agora pobre, relembrando sua gloriosa juventude. Se a frivolidade ganha destaque dentre a pluralidade de significados abrangida pelo adjetivo que compõe o cronônimo, M. Juan (2021, p. 117-118) sustenta, por outro lado, que essa pluralidade coaduna-se perfeitamente com a evocação de uma era marcada por realidades e esperanças opostas, uma era cuja efervescência turbulenta certamente mascara grandes permanências, mas que, no entanto, reflete mudanças que afetam profundamente as sociedades, tanto em seus aspectos alegres quanto ameaçadores.

²³ « En ce temps Jeanne était bien frivole/ En ce temps du temps de Années Folles ».



Não por outra razão, Ruy Castro, em *Metrópole à beira mar: o Rio moderno dos anos 20* (2019, p. 31), traça um perfil da cidade do Rio de Janeiro que espelha a Paris dos *Anos Loucos* de Paul Grappe, revelando certa convulsão que abrange a imprensa, as artes, a ciência, os costumes etc. Sobre os anos 20, ditos *Loucos* pelos franceses, Castro afirma:

o mundo já tinha o cinema, o fotógrafo, a eletricidade, o automóvel, o avião, a teoria da relatividade, a aspirina, a cocaína, a psicanálise, o raio X, o arranha-céu, o futebol, o batom, a gilete, a Revolução Russa, o fascismo, o feminismo, o dodecafonismo, o cubismo, o futurismo, o dadaísmo, o expressionismo e dezenas de outros ismos, gerando inclusive certo *je-m'en-fichismo* – o estar nem aí – diante de tantas novidades. Atitude essa que não passava de teatro, porque era impossível ficar indiferente ao que as grandes cidades, de súbito, tinham de moderno a oferecer.

Pode-se assegurar, assim, que a época foi palco e espelho para uma geração otimista e mimada em meio à liberação da moral, refletindo o gosto por festas, música americana e ousadia sexual etc., de modo que o próprio século tinha então vinte anos, revelando-se uma era de possibilidades.

Grappe, cuja aventura e drama têm seu ponto de partida na *Belle Époque*, adensam-se com a Primeira Guerra e adentram os *Anos Loucos*, ao ter sua história recontada pelos diversos periódicos da época, e, posteriormente reproduzida em livros e no cinema, emerge como personagem símbolo deste período de turbulência, revolução nos costumes e no sexo. Sim, sobretudo no sexo, porque em se tratando do sexo a sua narrativa continua a evoluir mesmo após o seu assassinato. Se por um lado a história de Paul e Louise pode ser lida por diferentes ângulos, seja como um drama particular e restrito dentro de um drama maior, a guerra de 1914, por outro lado, ela oferece uma abordagem bem mais específica, qual seja, a do gênero, das violências conjugais, das relações amorosas e mesmo da justiça dos anos de 1920 e 1930 frente a toda essa problemática.

Se no verão de 1914 milhares de homens são mobilizados pela experiência da guerra, Grappe não estava preparado para vivenciar a situação de horror e de violência patrocinada por ela, e, se alguns reagiram heroicamente frente ao absurdo, outros aceitaram o fatalismo da morte no campo de batalha e outros ainda se viram como o sacrifício a ser ofertado à nação ameaçada, alguns poucos recusaram-se a combater por algo [sobre o que / acrescentar] não tinham qualquer controle - e essa foi a escolha de Grappe. Nunca foi claro se sua decisão de desertar resultou de uma consciência política, mas o fato é que os motivos pessoais que o levaram à

deserção jamais foram considerados pela justiça militar, razão pela qual Grappe opta pela clandestinidade.

Paul Grappe não foi o único desertor: se inúmeros outros optaram por uma falsa identidade ou pela fuga a países estrangeiros, os meios escolhidos por Paul foram excepcionais ao transpor uma fronteira considerada, digamos, intransponível. Ao solapar a barreira do gênero, o homem torna-se mulher, e mais, ao fazê-lo adentra o mundo dos “invertidos” que, nos *Anos Loucos*, ganha maior visibilidade e, em certa medida, no conjunto, passam a ser mais aceitos pelo corpo social.

Se em nossos dias as sociedades ainda discutem dogmas religiosos, redefinem conceitos²⁴ e questionam a afirmação do individualismo, pode-se intuir o conjunto de ideias, influências, modos, crenças, comportamentos, enfim o *zeitgeist* dos *Anos Loucos* em que travestis e homossexuais espelhavam as transformações que ocorriam, seja por contribuírem para a redefinição dos respectivos lugares de homens e mulheres, seja pela quebra dos papéis tradicionais de gênero; por uma ou outra razão, foram objetos de fascinação e repulsa.

Depois de dez anos na pele de Suzanne Landgard, Paul Grappe volta a ser homem, porém, não abandona seu comportamento boêmio e a vida libertina: alcoólatra e associal, não responde às qualidades do cidadão e “homem de bem” como requer a sociedade, sucumbindo à violência que o conduz à morte ao ser alvejado pela esposa. O julgamento de Louise surge como contraponto e será o momento do restabelecimento da ordem, sobretudo no que se refere à questão da subversão do gênero, haja vista Louise ser apresentada ao júri e ao público como o ideal feminino e maternal. Durante as sessões do tribunal do júri Louise emerge como uma mulher exemplar: são esquecidos sua ajuda ao desertor, seu caso extraconjugal, sua demonstração de amizade feminina equivocada e sua prática de *swing*, para ser vista mormente como boa esposa e mãe perfeita. Se matou o marido, só o fez porque se tratava de um homem preguiçoso, bêbado e violento.

Se ao final do julgamento a liberdade de Louise aquieta os espíritos e restabelece a ordem entre os gêneros, a aventura de Paul Grappe, uma crônica rocambolesca, contada e recontada nos jornais, livros e no cinema, mostra a história de um casal que transgride três grandes proibições sociais: a recusa em obedecer à lei, as questões de sexo e as de sangue.

²⁴ O Dicionário Houaiss definia família como “grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (especialmente o pai, a mãe e os filhos); após 2018, contudo, altera a definição para “núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si a relação solidária”.



REFERÊNCIAS

- CASTRO, Ruy. *Metrópole à beira-mar: O Rio moderno dos anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CRUCHAUDET, Chloé. *Mauvais genre*. Paris : Éditions Delcourt, 2013.
- GUILLEMINAULT, Gilbert et al. *Les Années folles*. Paris : Denoël, 1956.
- JUAN, Myriam. *Les Années folles*. Paris : Que sais-je ?/Humensis, 2021.
- MORTAS, Pauline. Images, lettres et sons. In : *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, 2018/2 (Nº138), p. 181-193. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-vingtieme-siecle-revue-d-histoire-2018-2-page-181.htm>. Acesso em 13/03/2024, 16h04.
- ORY, Pascal. *L'Histoire culturelle*. Paris : OUF, 2004.
- SACHS, Maurice. *Au temps du Boeuf sur le toit*. Paris : Grasset, 2018.
- Virgili, Fabrice ; Voldman, Danièle. *La Garçonne et l'assassin : histoire de Louise et Paul, déserteur travesti, dans le Paris des années folles*. Paris : Petite Bibliothèque Payot, 2013.
- WOUILLOZ-BOUTROIS, Frantz. *Le Boeuf sur le toit*. Paris : L'Harmatan, 2021.

Filme

Nos Années Folles, de André Téchiné, 2017.

Periódicos

L'Humanité

Le Petit Parisien

Petit Journal

L'Indépendant

Paris Soir

Gazeta de Notícias (RJ)

Pelo Mundo – Magazine Mensal Ilustrado

O Jornal (RJ)

Jornal do Commercio (AM)